

Introdução

Érico Veríssimo (1905–1975) foi um dos maiores escritores brasileiros do século XX, nascido no Rio Grande do Sul. Sua obra se divide em três fases: a inicial urbana (anos 30), a fase histórica (série *O Tempo e o Vento*) e uma terceira fase engajada politicamente (anos 60-70) que inclui *Incidente em Antares*. Escrito no fim de sua carreira, *Incidente em Antares* foi publicado em torno de 1970, no auge da ditadura militar brasileira.

O romance costuma ser classificado como realismo fantástico, pois combina elementos históricos reais e sobrenaturais. Nesse livro, Veríssimo satiriza a realidade política nacional: a narrativa fantástica – em forma de uma “fábula macabra” – encobre críticas sociais profundas, driblando a censura do regime autoritário.

Resumo da Trama

A história se passa na fictícia cidade gaúcha de Antares. Na primeira parte (“Antares”) é narrada a formação da cidade e a rivalidade de duas linhagens oligárquicas: os Vacarianos e os Campolargos. Desde meados do século XIX, **Francisco “Chico” Vacariano** e **Anacleto Campolargo** disputavam terras e poder local. Essa disputa, “verdadeira história da infâmia”, molda Antares até meados do século XX.

A segunda parte (“O Incidente”) ocorre em 13 de dezembro de 1963. Toda a população faz greve geral (operários, bancários, coveiros etc.) reivindicando melhores condições de trabalho. Sete pessoas morrem nesse período e seus corpos não são enterrados devido à paralisação dos coveiros. Na noite seguinte, os sete cadáveres, entre eles Dona Quitéria Campolargo, o advogado Cícero Branco, o sapateiro comunista Barcelona e o bêbado “Pudim de Cachaça”, levantam-se dos caixões. Indignados por ficarem sem sepultura, eles marcham até o coreto da praça central e exigem ser enterrados com dignidade.

A partir daí, os mortos revelam segredos e pecados dos vivos, “deixam suas máscaras caírem” e satirizam a elite de Antares. A narrativa é apresentada de forma fragmentada: conversa entre vivos e insepultos, reportagens do jornalista Lucas Faia, o diário do padre Pedro Paulo e o suposto *Jornal de Antares* do professor Martim Terra. Esses recursos dão verossimilhança aos eventos extraordinários, misturando elementos ficcionais e históricos.

Temas Principais

Crítica política e social: O romance é uma sátira da sociedade brasileira. A greve geral simboliza a luta dos trabalhadores pobres contra as elites locais. Os poderosos de Antares são mostrados como corruptos e hipócritas, enquanto os operários e empregados injustiçados cobram seus direitos. Ao ressuscitarem, os mortos – agora “investidos de moral concedida pela própria morte” – denunciam as mazelas sociais. Como observa Chaves, Veríssimo busca, pela “fábula macabra”, interpretar a sociedade num momento de **cerceamento da liberdade de expressão**. O autor evita citar diretamente a ditadura, mas descreve prisões ilegais, torturas e assassinatos (por exemplo, do operário João Paz) para

criticar o regime.

Realismo fantástico: Elementos sobrenaturais pontuam o enredo: é o realismo fantástico que permite essa crítica indireta. A chegada dos mortos ambulantes introduz o insólito num contexto realista, criando uma atmosfera fantástica. Esse recurso literário, típico de autores do século XX, serve como “propulsor de críticas sociais”. A obra mescla fatos históricos (estrutura do município, episódios políticos brasileiros até 1964) com acontecimentos irreais. Essa mistura faz o leitor questionar o que é “verdade” e o que é criação ficcional.

Conflito entre classes e poder: A trama expõe as desigualdades sociais e o embate entre ricos e pobres. As famílias Vacariano e Campolargo representam a oligarquia agrária (**clã rico**), enquanto grande parte da população é composta por trabalhadores **explorados**. A greve geral é tratada como “convocação democrática” dos operários, que fazem pressão sobre os patrões em busca de melhores salários e direitos. Curiosamente, na condição de mortos não enterrados todos esses antagonistas sociais se igualam: “em vida, havia um distanciamento... Poucos viviam com poder aquisitivo, outros de miséria. No entanto, com a condição de mortos, nada mais os diferenciava”. Ou seja, a morte nivela classes e expõe a podridão comum a ricos e pobres — uma metáfora poderosa sobre a condição humana e social.

Ironia e humor: Apesar dos temas pesados, o tom do romance é marcadamente irônico e satírico. Veríssimo explora seu **humor sarcástico** para denunciar injustiças. O episódio dos mortos se transformando numa espécie de espetáculo público torna-se grotescamente cômico: os cadáveres em putrefação conversam, xingam e fazem chacota dos vivos. Essa “carnavalização do inferno”, como descreve Rita Scocca, transforma o julgamento dos vivos em motivo de riso. O autor parodia situações reais (discursos políticos, “tecnocratas” corruptos, discursos religiosos) com tom de farsa, expondo absurdos da sociedade. Trechos com palavrões e ditos populares reforçam o clima de realidade crua, dando autenticidade e humor mórbido à narrativa.

Estilo e Linguagem

Veríssimo mantém neste romance um estilo modernista realista, porém carregado de elementos críticos e cômicos. A narrativa é estruturada de forma fragmentada e polifônica: alterna trechos descritivos, diários, artigos de jornal e diálogos formais. Em *Incidente em Antares*, o autor “constrói sua narrativa intercalando textos de pseudoautores, em forma de relatos, diários e artigos de jornais, imprimindo à obra uma atmosfera de verdade, dando a impressão de que a história é de fato verídica”. Essa mistura de ficção e pseudo-relatos jornalísticos conduz o leitor ao limite entre fato e invenção.

Os personagens falam um português coloquial, cheio de regionalismos gaúchos. Veríssimo usa ditos populares, gírias do interior e até palavrões para dar autenticidade. Como nota Koenig, “são constantes os registros de fala coloquial... muitas vezes o autor emprega o uso de palavrões, pronúncias típicas do Rio Grande (do Sul) e regionalismos”. Por exemplo,

nas conversas entre personagens de baixa classe, o texto reproduz o linguajar rude do povo: isso confere realismo social à obra. No plano narrativo, há ainda a presença de comentários irônicos inseridos pelo próprio narrador ou por personagens (por meio dos escritos de Lucas Faia, do Padre Pedro Paulo ou do professor Martim Terra), o que reforça o caráter satírico da obra. Em suma, a linguagem de Veríssimo em *Incidente em Antares* é coloquial e bem-humorada, mas sempre pontuada por críticas pontiagudas à realidade brasileira.

Conclusão

Incidente em Antares é um romance de grande importância literária e relevância atual. Sob a fantasia do insólito, Veríssimo faz uma crítica profunda à política e à sociedade do Brasil — problemas (autoritarismo, desigualdade, corrupção) que, como ressaltam os estudiosos, “se estendem ao contexto presente, visto que a desigualdade social e problemas relacionados à política continuam sendo aspectos da realidade atual”. A obra permanece um clássico da literatura brasileira por seu engajamento social e criatividade narrativa. Seu tom irônico e crítico, aliado à estrutura inovadora, convida o leitor a refletir sobre a verdade histórica e a ética da convivência. Em síntese, *Incidente em Antares* combina denúncia social e humor mórbido de forma brilhante, deixando uma mensagem de esperança na renovação social através da arte escrita.